

DÍDIMO MESQUITA

Lenda do Galo de Barcelos



1.134.3-1 Mesquita, E
S

250.

Introito

O presente trabalho elaborado em verso, sobre a «Lenda do Gato de Barcelos» é fruto duma demorada investigação junto da voz do povo.

Embora as versões sejam um pouco diferentes, pois alguns afirmavam ser o galego da Galiza. Esta versão peca por inadmissível.

Não concordamos que um galego espanhol viesse dar a volta a Barcelos para tomar o caminho de Compostela.

Sabemos que antigamente em terras do Minho os peregrinos desse grande apóstolo, eram apelidados de galegos, por permanecerem na Galiza alguns meses nas idas e vindas. Un spor penitência e outros até por vício, pois entretinham-se na pedincha.

Legado
A. Aro Arezes L. Martins

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59916

Barceliana

Barca Cellus se chamava,
A Barcelos actual;
...quando a Pátria despontava,
Toda ela se entregava,
Para crescer Portugal!

Depois até se casaram;
Juraram fidelidade!
Lado a lado caminharam,
Por terras que conquistaram,
Aos mouros, como se sabe.

Foram gregos que a fundaram?
Ou foram cartagineses?
Há quem diga, por romanos,
Que bárbaros arrasaram
E até outros, outras vezes!

Foi em Barcelos, outrora;
Que invulgar caso se deu;
Alastrando mundo fora,
Boca a boca, a toda a hora,
Esta Lenda que cresceu!...

E até, nem será Lenda...
O que conta a tradição:
Pois há muito quem defenda,
Que não é uma lenga lenga,
Mas concreta afirmação!

Vou contar então a história,
Que o tempo quis apagar;
Mas que ficou na memória,
Retida como Glória,
Para Barcelos honrar!

Uma vez um peregrino,
Caminhando a Compostela,
Viu aqui o seu destino,
Travado por valdevino,
Numa estalagem singela.

Faca de prata meteu,
No bornal dum viandante;
Coisa que ninguém viu!
Como esse caso se deu,
Dentro desse restaurante.

E o pobre homem, coitado;
Foi-se embora sem saber,
Que iria ser julgado,
E pela Lei condenado,
Numa forca até morrer!...

Preso então o pobrezinho,
Acusado pelo tratante;
Foi atado ao Pelourinho,
Por carrasco ou meirinho,
Como fosse um meliante!

Pena de morte, era então,
Cumprida de imediato;
Não havia apelação,
Nem esperança de perdão!
Num libelo caricato!...

Porém, aquele inocente,
Julgado com tal cruza,
Roga, ali, humildemente,
Ao juiz inclemente!
Para ouvir sua defesa:

Senhor Juiz, atenção:
Antes de ser condenado,
Escute a minha razão,
Nesta vil difamação,
Urdida por depravado.

Esta forma de julgar,
Apressada, de improviso;
Nunca pode condenar,
Sem primeiro ponderar,
Este caso em juízo.

Tenho direito à defesa,
Como qualquer cidadão;
Por isso peço a fineza,
Perante a minha pobreza,
De prestarem atenção.

Sou modesto peregrino,
Caminhando a rezar;
São Tiago é o meu destino,
Eu nunca pensei roubar.

Nessa casa onde entrei,
P'ra saciar minha fome;
Juro que nada roubei,
Por ladrão ninguém me tome.

Foi aí, que alguém por mal!
Nesta Barcelos que estimo;
Pôs a faca no bornal,
Ensombrando o meu destino!

Não vos peço clemência,
Nesta cena submissa;
Para a minha inocência,
Só vos peço justiça.

Portanto Senhor Juiz,
E respeitáveis jurados;
Eu juro que nada fiz,
Não tenho desses pecados.

E a prova desta jura,
P'ra retratar o tratante;
Vão tê-la já, nesta altura,
Sobre a mesa, num instante.

Sobre a mesa, estava um galo,
Prontinho para comer;
Todo louro, um regalo,
Estava mesmo a apetecer.

O peregrino então
— Até seria o próprio Deus! —
Pedi ali muita atenção,
Erguendo os olhos aos Céus.

E na sua grande fé,
Mãos ao alto, implorou;
De joelhos e de pé
Junto ao galo assim gritou!

Sê tu, galo decepado;
A testemunha vidente,
Deste caso aqui passado,
E mostra-o a esta gente.

E disse-o com tal firmeza!
Ao libelo da sua sorte;
Como a grande defesa,
da sua própria morte!

E perante toda a gente,
Que tudo presenciou;
Galo morto, num repente,
Bateu asas e cantou!!!

Testemunho eloquente,
Os argumentos calou;
Aquele galo somente,
Deu a prova evidente,
Que o Juiz se enganou!

Galo degelado
Escaldado
Depenado
Cozinhado
e
Alourado;
Defendeu o condenado!

E Barcelos desde então;
Foi falada mundo fora,
Com requintes de emoção,
Correndo toda a nação,
Como ainda o faz agora!

Quem for ver o Pelourinho,
Erguido junto à Matriz;
Vê gravado com carinho,
O galo junto ao santinho,
Numa cruz com o Juiz!

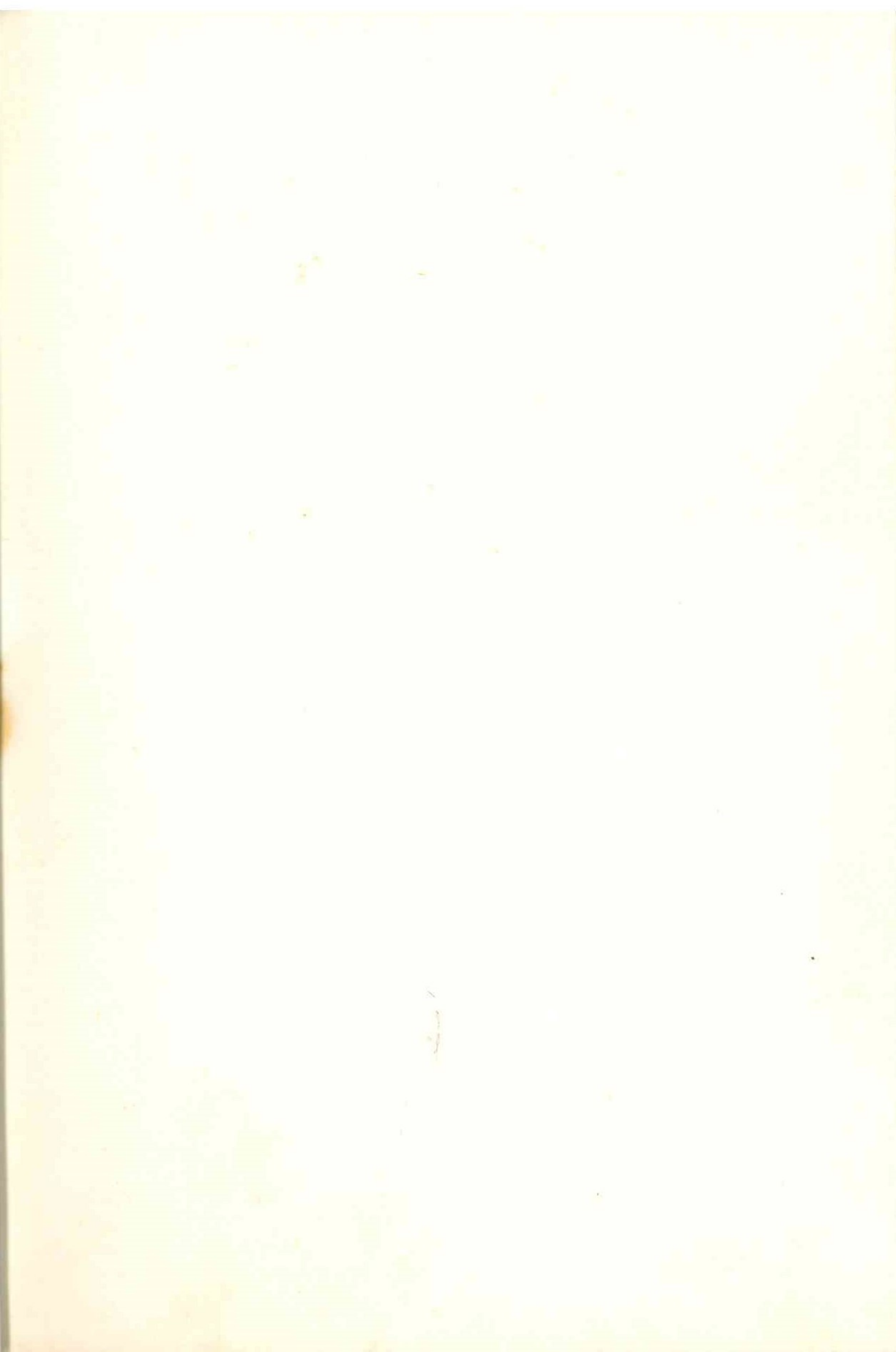
Barcelos devia ter,
Um galo num pedestal;
P'ra todo o mundo saber,
Que Barcelos viu nascer,
Um símbolo de Portugal!

Forjães — 1988



MUNICIPIO DE BARCELOS 11
BIBLIOTECA

Composto e impresso na
Gráfica Casa dos Rapazes
4900 Viana do Castelo / 1988



biblioteca
municipal
barcelos



59916

Lenda do Galo de Barcelos